

A guerra dos mentirosos e o pânico social: uma análise do discurso antivacina da organização Dogolachan pela Metalinguística e Criminologia Cultural

La guerra de los mentirosos y el pánico social:
un análisis del discurso antivacunas de
Dogolachan a través de la metalingüística y la
criminología cultural

The war of liars and social panic: An Analysis
of Dogolachan's Anti-Vaccine Discourse
Through Metalinguistics and Cultural
Criminology

MARCOS ALEXANDRE FERNANDES RODRIGUES¹

Resumo: No campo das mídias digitais, a desinformação antivacina atua como arma estratégica em disputas políticas, crises sanitárias e conflitos. Nesse contexto, objetiva-se analisar um comentário pela Metalinguística e Criminologia Cultural, com a intenção de compreender, por meio delas, a produção de sentidos na comunicação discursiva da organização brasileira *Dogolachan*. O aporte teórico dialoga com a Metalinguística e a Criminologia Cultural. Os resultados permitem compreender que a vacina é resignificada como um instrumento deliberado de extermínio, associando-a a uma arma biológica e a uma suposta conspiração global.

Palavras-chave: Metalinguística; Criminologia Cultural; *Dogolachan*; Covid-19; *Telegram*.

¹ Doutorando em Letras na área de concentração em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (PPGLetras/FURG). Email: rodmaf2@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumen: En el ámbito de los medios digitales, la desinformación antivacunas actúa como arma estratégica en disputas políticas, crisis sanitarias y conflictos. En este contexto, este estudio busca analizar un comentario a través de la metalingüística y la criminología cultural, con el objetivo de comprender, mediante estos enfoques, la producción de significado en la comunicación discursiva de la organización brasileña Dogolachan. El marco teórico se articula con la metalingüística y la criminología cultural. Los resultados permiten comprender que la vacuna se reinterpreta como un instrumento deliberado de exterminio, asociándola con un arma biológica y una supuesta conspiración global.

Palabras clave: Metalingüística; Criminología Cultural; Dogolachan; Covid-19; Telegram.

Abstract: In the field of digital media, anti-vaccine disinformation acts as a strategic weapon in political disputes, health crises, and conflicts. In this context, this study aims to analyze a commentary through Metalinguistics and Cultural Criminology, intending to understand, through these approaches, the production of meaning in the discursive communication of the Brazilian organization Dogolachan. The theoretical contribution of dialogues with Metalinguistics and Cultural Criminology. The results allow us to understand that the vaccine is reinterpreted as a deliberate instrument of extermination, associating it with a biological weapon and an alleged global conspiracy.

Keywords: Metalinguistics; Cultural Criminology; Dogolachan; Covid-19; Telegram.

Introdução

No campo das mídias digitais, a desinformação antivacina pode ser compreendida pela noção de *liar's war*, desenvolvida por Katz (2021). Segundo o autor, a desinformação em contextos de crise falseia fatos e constitui uma verdadeira “guerra dos mentirosos” que instrumentaliza a mentira como arma estratégica capaz de incutir medo, infligir sofrimento, desencadear pânico social e, sistematicamente, fragilizar a confiança em instituições científicas, jurídicas e governamentais. No caso da pandemia de COVID-19 no Brasil, esse quadro foi agravado pelo campo político-institucional a partir de pronunciamentos do então Presidente da República Jair Messias Bolsonaro.

A exemplo do que Katz (2021) identifica em cenários de conflitos armados em que a desinformação compromete informações vitais de sobrevivência, os discursos antivacina distorceram dados científicos e sabotaram campanhas de imunização. O resultado foi a fragilização da confiança coletiva em médicos, cientistas e instituições estatais, ampliando a vulnerabilidade da população

diante de um vírus letal. No caso brasileiro, o discurso de autoridades políticas potencializou o impacto da desinformação, legitimando enunciados que representavam a vacina como arma biológica e parte de uma conspiração global.

É preciso observar que a guerra dos mentirosos, aplicada ao campo da desinformação antivacina, amplifica mensagens conspiratórias e de ódio. Canais extremistas como o da organização brasileira Dogolachan no Telegram exemplificam esse processo ao ressignificar a vacinação como símbolo de extermínio em massa na tentativa de mobilizar a população contra práticas de saúde coletiva. Isso confirma o diagnóstico de Katz (2021) de que a desinformação contemporânea, ao atingir civis com intensidade psicológica e social, ultrapassa o estatuto de “ardil de guerra” e deve ser compreendida como prática violenta que ameaça direitos humanos e fundamentais.

Diante disso, objetiva-se analisar um comentário pela Metalinguística e Criminologia Cultural, com a intenção de compreender, por meio delas, a produção de sentidos na comunicação discursiva da organização brasileira Dogolachan. Justifica-se esta pesquisa por três razões: 1) acadêmica ao ampliar o conhecimento sobre desinformação antivacina e a função de mídias digitais, como o Telegram, na circulação de discursos de ódio e medo; 2) social ao contribuir para a conscientização da população sobre os efeitos da desinformação e o impacto de discursos antivacina na saúde coletiva; e 3) política por fornecer subsídios para a compreensão de um comentário que infringe, em tese, dispositivos penais (arts. 267 e 287 do CP), a Lei nº 13.979/2020 e dispositivos constitucionais (arts. 196 e 220 da CRFB/88), contribuindo, em resposta, para a formulação de políticas públicas e para a atuação institucional no enfrentamento da desinformação.

O aporte teórico² põe em diálogo a Metalinguística de Bakhtin (2016, 2018), Medviédev (2016) e Volóchinov (2018, 2019) e a Criminologia Cultural de Ferrell, Hayward e Young (2019), Khaled Jr. e Dimou (2022), Khaled Jr., Linck e Carvalho (2022), Rocha (2013), Rocha e Silva (2014), partindo da compreensão de que o fenômeno criminoso se constitui como manifestação de

² Na concepção de Rodrigues (2025), a originalidade desta proposta reside no diálogo entre Metalinguística e Criminologia Cultural, campos que se complementam na análise discursiva e criminológica de subculturas extremistas. Enquanto a primeira oferece uma abordagem para a análise da linguagem, dos sentidos e das relações dialógicas, carece de uma teoria do crime; a segunda, por seu turno, concebe o crime como ato simbólico, subcultural e performático, mas não dispõe de uma teoria do discurso ou da linguagem. Essa aproximação fornece um quadro teórico, analítico e interdisciplinar capaz de compreender como subculturas extremistas refletem e refratam sentidos em seus atos de linguagem.

linguagem, estruturada e reconhecível na forma de gêneros do discurso. Subsidiariamente, para o estudo do contexto pandêmico brasileiro, dialoga-se com Faleiros e Caetano (2024), Fernandes, Oliveira, Coimbra e Campos (2020) e Roca (2022).

Na metodologia, selecionou-se um comentário publicado em 2022 no canal da organização brasileira Dogolachan com estes critérios: 1) atualidade histórica; 2) viés antivacina; e 3) potencial analítico-interpretativo. A atualidade histórica respalda-se pela pertinência do enunciado ao que foi o contexto pandêmico de COVID-19, o que possibilita observar como a desinformação circula e dialoga com acontecimentos recentes. O viés antivacina foi adotado porque dialoga com discursos conspiratórios que se baseiam na lógica da guerra dos mentirosos e permitem compreender os efeitos da desinformação sobre a saúde coletiva. Por último, o comentário é um material privilegiado para a análise metalinguística do discurso e criminológica da cultura.

Para a execução desta pesquisa, seguiram-se as orientações de Rodrigues (2023a, 2023b, 2024, 2025). Inicialmente, identificou-se a orientação ideológica do Dogolachan que, para sua comunicação discursiva, usava um canal público do Telegram – ou seja, os membros têm consciência que suas mensagens têm um alcance transnacional. Na observação, não houve qualquer conversa do pesquisador com os membros, mesmo porque, como explicado na nota de rodapé anterior, possuem relação com massacres escolares. Optou-se por registrar seus comentários com o software OBS Studio. Para o canal do Telegram, realizaram-se várias denúncias a essa empresa no transcurso de 2022 e 2023 e, quanto à página na Internet Obscura em funcionamento, protocolou-se uma representação criminal ao Ministério Público Federal (MPF) no início de 2025.

Ao término da introdução, apresenta-se a estrutura desta pesquisa, além das seções de Introdução e Conclusão. De início, a seção “Pressupostos da Metalinguística e gênero do discurso: forma, conteúdo e valoração social” discute os fundamentos teóricos da Metalinguística e a maneira como gênero, forma, conteúdo e valoração social orientam a produção de sentidos. Na sequência, a seção “Pressupostos da Criminologia Cultural e subcultura: crime, emoção e performatividade” discute os fundamentos teóricos da Criminologia Cultural e o modo como a emoção, a subcultura e a performatividade do crime contribuem para a construção de sentidos. Por fim, a seção “A guerra dos mentirosos e o pânico social em um comentário antivacina do Telegram”

contextualiza o cenário pandêmico brasileiro e analisa o enunciado selecionado a partir das abordagens teóricas previamente apresentadas.

Pressupostos da Metalinguística e gênero do discurso: forma, conteúdo e valoração social

Nesta seção, a intenção é discutir pressupostos da Metalinguística que, como se compreende, representa um campo de estudo que ultrapassa os limites da Linguística ao conceber o discurso em sua dimensão concreta, social e valorativa. Para Bakhtin (2018, p. 207), a “linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão”. Para tanto, as contribuições de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov mostram-se fundamentais, uma vez que cada autor enfatiza aspectos complementares do fenômeno discursivo: Bakhtin (2016) ao tratar dos gêneros do discurso; Medviédev (2016) ao desenvolver a noção de valoração; e Volóchinov (2018, 2019) ao aprofundar a noção de signo e enunciado.

Partindo da concepção de Bakhtin (2016), o enunciado não existe de modo abstrato, de maneira que sempre se materializa na comunicação social – na forma ou não de gêneros do discurso. Quanto a esses, entendidos como formas relativamente estáveis de enunciado, são forjados historicamente a partir das necessidades comunicativas e organizam a produção discursiva em campos da atividade humana. Assim, cada interação social pressupõe a escolha de um gênero adequado que não se restringe a uma moldura formal, porque envolve aspectos temáticos, composicionais e estilísticos. É por meio dos gêneros que os sujeitos se orientam no universo da comunicação social, e é também por eles que se torna possível compreender as múltiplas posições nas quais circulam na vida. Como destaca Bakhtin (2016), o processo de enunciar é sempre uma resposta a enunciados anteriores e antecipa enunciados futuros, sendo os gêneros o elo que mantém a continuidade histórica e dialógica da linguagem.

Entretanto, os gêneros não são apenas formas estáveis; estes também são constituídos por valores. É nesse ponto que se torna indispensável a contribuição de Medviédev (2016) que concebe a valoração como princípio constitutivo do discurso. Para o autor, não há enunciado neutro, uma vez que cada palavra carrega uma determinada orientação valorativa que reflete posições sociais dos sujeitos e das instituições. A valoração, portanto, é

inseparável da atividade discursiva: quando um sujeito enuncia, manifesta uma tomada de posição, um julgamento, uma hierarquia de sentidos que organiza a realidade. Dessa maneira, a Metalinguística reconhece que o discurso não pode ser explicado unicamente pela referência a fatos externos ou a estruturas internas, mas deve ser compreendido como uma prática em que se atualizam valores, conflitos e disputas sociais.

Em diálogo com essa perspectiva, Volóchinov (2019) pondera que o enunciado não existe sem auditório, seja este presente ou presumido, e sua forma depende da relação estabelecida entre locutor e interlocutor. A orientação social constitui, assim, uma força organizadora que atua tanto na escolha das palavras quanto na sua entonação e disposição no todo do enunciado. Ainda que com um mesmo conteúdo linguístico, uma palavra pode assumir sentidos distintos conforme a entonação que a acompanha, demonstrando que o sentido não reside apenas na unidade lexical, mas na sua realização material em uma situação comunicativa concreta. Além disso, Volóchinov (2019) destaca que todo enunciado contém um horizonte de não-ditos, de subentendidos compartilhados entre os interlocutores, o que reforça o caráter dialógico e social da linguagem.

Em continuidade, Volóchinov (2018) introduz a noção de signo ideológico, categoria fundamental para a compreensão do enunciado em sua materialidade social. Para o autor, todo signo é atravessado pela ideologia e pode se manifestar em diferentes formas – verbais, visuais ou sonoras –, sendo a palavra a unidade elementar do enunciado verbal. O signo ideológico opera em dois movimentos semântico-axiológicos: o da reflexão, associado à língua e ao significado relativamente estável; e o da refração, que corresponde ao discurso e à produção de sentido na interação concreta. Nessa perspectiva, as palavras refletem convenções linguísticas e refratam valores, disputas e posicionamentos sociais, (re)velando sua natureza dialógica e conflitiva.

Portanto, ao relacionar as contribuições desses autores, percebe-se que a Metalinguística se funda em três dimensões complementares: a forma social do discurso, representada pelos gêneros (Bakhtin, 2016); o conteúdo valorativo parte de qualquer enunciado (Medviédev, 2016); e a orientação social que vincula o discurso a um auditório e a condições concretas de produção (Volóchinov, 2018, 2019). Essas dimensões não se apresentam de modo isolado; entrelaçam-se na materialidade do enunciado, constituindo a base para uma análise metalinguística da linguagem em sua historicidade e em sua função ideológica.

Pressupostos da Criminologia Cultural e subcultura: crime, emoção e performatividade

Nesta seção, o propósito é discutir pressupostos da Criminologia Cultural que, como se compreende, representa um campo de estudo que concebe o crime e o controle social para além da violação do direito penal. Diferentemente de abordagens que reduzem a criminalidade a meros fatores estruturais ou individuais, a Criminologia Cultural enfatiza, por sua parte, que a prática criminal está intrinsecamente ligada à cultura, às formas de expressão e às disputas de sentido. Nessa perspectiva, o crime deve ser visto como um fenômeno cultural situado na rede de valores, representações e conflitos sociais.

Ferrell, Hayward e Young (2019) afirmam que a cultura constitui o ambiente simbólico no qual sujeitos e grupos vivem, se relacionam e disputam poder. Para os autores, a cultura não pode ser reduzida a mero resíduo da estrutura social, embora também não exista fora dela. Ela se entrelaça com desigualdades de classe, raça, gênero e poder, constituindo tanto os repertórios dos dominantes quanto as formas de resistência e subcultura dos menos poderosos. Desse modo, as práticas criminais, bem como os discursos sobre elas, são atravessadas por essas negociações simbólicas que dão forma às experiências sociais.

Nesse contexto, a violência se apresenta como um dos fenômenos mais emblemáticos da Criminologia Cultural. Segundo os autores, a violência, muitas vezes, está além de um ato físico, é uma performance carregada de sentidos. Ela pode ser encenada para consumo público, transformando-se em espetáculo que circula como forma de entretenimento. Essa dimensão performática revela que, no mundo contemporâneo, a violência não se esgota no ato em si: prolonga-se em imagens, discursos e memórias que atingem tanto o agressor quanto a vítima.

Além disso, Ferrell, Hayward e Young (2019) sublinham que a violência pode ser ritualizada, operando como cerimônia capaz de degradar física e simbolicamente aqueles que a sofrem. Exemplos como ataques neonazistas, rituais de trote em fraternidades, disputas entre gangues e atentados terroristas ilustram como a violência é mobilizada para impor identidades estigmatizadas às vítimas, deixando marcas que ultrapassam a dor corporal e instauram sentidos duradouros. A imposição disso, nesse caso, é tão ou mais devastadora do que a própria agressão física.

A Criminologia Cultural, ao avançar em seus desdobramentos no Brasil, incorpora um olhar crítico sobre a maneira como o crime e seu controle são compreendidos, representados e experimentados. Khaled Jr. e Dimou (2022) destacam que esse campo surge, em grande medida, como reação às abordagens criminológicas tradicionais que, ao reforçarem agendas punitivas, terminam por sustentar visões hegemônicas do crime e de sua repressão. Nesse sentido, a proposta da Criminologia Cultural é justamente responder a discursos convencionais, reconhecendo o crime e o controle penal como produtos culturais, isto é, como construções criativas enraizadas em disputas simbólicas (Khaled Jr., Linck, Carvalho, 2022).

Essa perspectiva leva à constatação de que tanto o crime quanto o controle não podem ser explicados apenas a partir de fatores estruturais ou de políticas de criminalização. Para Khaled Jr., Linck e Carvalho (2022), a análise deve ser feita em três níveis interligados – micro, meso e macro. No plano micro, situam-se os aspectos existenciais e fenomenológicos do crime, englobando desejos, decisões situacionais e emoções de autores, vítimas e agentes de controle. No nível meso, destacam-se as subculturas, seus símbolos, hierarquias e estilos de transgressão, bem como as representações midiáticas e culturais do delito. Já no nível macro, encontram-se as estruturas sociais e políticas mais amplas, como o sistema penal e o capitalismo global que influenciam e são influenciados pela cultura do crime.

Essa leitura é também realizada por Rocha e Silva (2014), que apontam a importância de observar o evento criminoso em sua dinâmica situacional, sem ignorar os determinantes estruturais. Para os autores, a desigualdade social deve, sim, ser considerada causa da criminalidade, mas sempre mediada pelas interações culturais, pelos estilos pessoais e pelas escolhas simbólicas que emergem no ato concreto do crime. Assim, compreende-se que o evento criminal é atravessado por dimensões que conjugam condições materiais (classe, etnia, gênero) e elementos subjetivos (emoções, símbolos e discursos).

Na mesma direção, Rocha (2013) enfatiza o papel das subculturas na produção do crime. Para ele, muitas práticas delitivas surgem de universos subculturais constituídos por sentidos compartilhados, estilos e símbolos específicos. Essas subculturas oferecem aos seus membros experiências coletivas e emoções que reforçam identidades marginais, produzindo um senso de pertencimento e até de prestígio em oposição ao *mainstream* social. Nesse cenário, o crime não é apenas uma infração normativa: é um marcador

de identidade, um meio de expressar resistências e de ressignificar humilhações vividas em contextos de exclusão.

Esse ponto conecta-se à distinção proposta por Rocha (2013) entre “emoções morais” e “condições materiais”. Enquanto as condições materiais remetem às estruturas de classe, gênero e etnia que moldam as possibilidades sociais, as emoções morais dizem respeito às motivações imediatas como indignação, desejo de vingança ou humilhação. Essa articulação ecoa o que a Criminologia Cultural propõe ao integrar as dimensões micro, meso e macro, de forma a evitar explicações reducionistas.

Logo, a Criminologia Cultural amplia o quadro teórico internacional ao destacar que crime e controle penal são atravessados por práticas culturais, performances simbólicas e disputas de sentido, sem desconsiderar as desigualdades sociais que os sustentam. Trata-se de uma abordagem que reconhece a potência criativa – ainda que violenta – das subculturas e dos atos criminais, compreendendo-os como fenômenos que expressam tanto condições materiais quanto universos de sentido coletivo.

A guerra dos mentirosos e o pânico social em um comentário antivacina do Telegram

Nesta seção, visa-se a discutir o cenário pandêmico brasileiro e, nesse contexto, analisar, com uma abordagem interdisciplinar, o comentário que constitui o corpus desta pesquisa. Retomando Katz (2021), a desinformação deve ser compreendida como parte de uma “guerra dos mentirosos”, em que a mentira é instrumentalizada como arma voltada a produzir sofrimento, instaurar pânico e fragilizar instituições. Essa perspectiva consolida o entendimento de como, no contexto da pandemia de COVID-19, discursos antivacina como os do *Dogolachan*, além de negar dados científicos, atuaram deliberadamente para corroer a confiança social contra o conhecimento científico.

De acordo com Fernandes, Oliveira, Coimbra e Campos (2020), a última década foi caracterizada pela ascensão da chamada “era da pós-verdade”, expressão que ganhou projeção após dois eventos políticos de grande impacto em 2016: a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e o referendo que resultou na saída do Reino Unido da União Europeia (BREXIT). A partir desse marco, observou-se o fortalecimento de discursos que relativizam fatos objetivos em prol da mobilização de crenças, opiniões e afetos. No Brasil, esse fenômeno se consolidou durante o governo Bolsonaro, sobretudo no contexto

da pandemia, em que a negação da ciência se tornou elemento central da comunicação presidencial.

O uso estratégico das redes sociais é exemplo emblemático desse processo. Como destacam Fernandes et al. (2020), uma conta como a do então presidente, com milhões de seguidores, funcionou como vetor privilegiado para a propagação de conteúdos duvidosos e, em muitos casos, fraudulentos. A publicação de vídeos sem rigor metodológico ou comprovação científica – como no episódio da defesa da hidroxicloroquina feita por um médico israelense em abril de 2020 – ilustra a maneira como fragmentos de informação, descontextualizados e manipulados, foram apresentados como verdades capazes de legitimar decisões políticas e médicas. Esse tipo de prática, ao dispensar critérios de validação científica, reforçou a lógica da pós-verdade, em que o apelo emocional e a autoridade simbólica do líder se sobrepõem à evidência objetiva.

Nesse sentido, Faleiros e Caetano (2024) apontam que a comunicação governamental sobre os riscos da pandemia foi distorcida e estruturada como uma verdadeira estratégia de contrainformação, próxima à lógica militar de “enganar o inimigo”. A promoção da cloroquina como solução milagrosa – ainda que desprovida de comprovação científica – ilustra essa lógica, sobretudo ao se considerar que sua produção pelo Laboratório Químico Farmacêutico do Exército foi aumentada em mais de doze vezes no início da pandemia. Nesse contexto, o prestígio da autoridade presidencial foi mobilizado para conferir legitimidade a um discurso que, em última instância, configurava um engodo. A manipulação das expectativas sociais em relação à doença e à cura, portanto, pode ser compreendida como uma falha comunicacional e como uma ação deliberada de produção de desinformação.

A análise desse fenômeno também ganha densidade ao ser confrontada com o estudo de Roca (2022) sobre os grupos negacionistas organizados, como o coletivo “Médicos pela Verdade”. Esses grupos operam a partir de estratégias sistemáticas de distorção: utilizam pesquisas obsoletas ou inexistentes, relacionam fatos desconexos e invocam a autoridade de falsos especialistas. Dentre os principais argumentos desse movimento, destacam-se a negação da existência do vírus SARS-CoV-2, a rejeição ao uso de máscaras, a oposição às medidas de isolamento e distanciamento social, a desqualificação dos testes diagnósticos e o repúdio ao desenvolvimento das vacinas, consideradas perigosas. Esses discursos foram acompanhados por propostas alternativas de supostos tratamentos – como o uso do dióxido de cloro – e pela

disseminação de teorias conspiratórias, como a associação da Covid-19 à tecnologia 5G ou à vacina da gripe.

A convergência entre a comunicação institucional e os discursos de grupos negacionistas revela um aspecto central: a desinformação durante a pandemia não se limitou a um fenômeno espontâneo ou marginal, e sim, estruturada e disseminada a partir de lugares de poder. Fernandes et al. (2020) enfatizam que a lógica da pós-verdade encontra sua força na capacidade de mobilizar afetos e identidades, enquanto Faleiros e Caetano (2024) mostram como essa lógica foi instrumentalizada de forma estratégica por autoridades políticas. Roca (2022), por sua vez, evidencia que tais discursos se articularam em redes mais amplas de negação, com repertórios discursivos globalizados, que circulavam entre países e comunidades digitais.

A partir dessa discussão, leia-se o comentário apresentado a seguir:

Quadro 1: Não tem nada de experimental

1	Não tem nada de experimental! Eles já fizeram os testes em ratos e os mesmos
2	MORRERAM 2 MESES DEPOIS de receberem a injeção. Dois meses em ratos equivale
3	a 2 anos em humanos. Logo, quem tomou (e ainda vai tomar) esse veneno mortífero,
4	morrerá em 2023. Final de 2023 começa a ‘nova pandemia’. Só que dessa vez, as
5	pessoas morrerão por decorrência das ‘vacinas’ aplicadas 2 anos antes (2021). Assim,
6	a grande maioria morrerá e ninguém desconfiará que foram dessas ‘vacinas’. Muitas
7	pessoas já estão morrendo depois de receberem a injeção da morte e ninguém
8	desconfia. Isso é uma ARMA BIOLÓGICA! ACORDEM!!!

Fonte: Dogolachan (2022)

Esse enunciado é estruturado no gênero discursivo comentário, que recorre a um viés conspiratório e radicalizado. Tal gênero apresenta uma composição estrutural marcada pela argumentação pseudocientífica, pelo uso de maiúsculas e de expressões de alerta em tom imperativo, como “ACORDEM!!!” (linha 8), que visam a interpelar o interlocutor-leitor de maneira urgente e dramática. O estilo manifesta-se pela seleção lexical que mistura linguagem técnica, como “testes em ratos” (linha 1) e “ARMA BIOLÓGICA” (linha 8), com expressões valorativas e carregadas de afeto, como “injeção da morte” (linha 7) e “veneno mortífero” (linha 3), conferindo ao enunciado um duplo efeito: o da autoridade aparente de um discurso científico e o da intensidade emocional próprios dos discursos conspiratórios. Já o conteúdo temático organiza-se em torno de três perspectivas: a denúncia de um experimento letal; a previsão apocalíptica da morte em massa; e a convocação à resistência contra uma suposta conspiração ligada às vacinas.

Nesse gênero, o signo-palavra adquire centralidade como operador de reflexão e refração. No plano do reflexo – isto é, no significado linguístico – palavras como “ratos” (linha 1), “vacina” (linha 5) e “pandemia” (linha 3) remetem a um campo semântico reconhecível, ligado ao discurso médico-científico e à experiência coletiva recente da pandemia de COVID-19. Contudo, é na refração discursiva que esses signos ganham sua densidade ideológica: “vacina” (linha 4) não significa proteção, e sim “ARMA BIOLÓGICA” (linha 8); “pandemia” (linha 3) não é evento epidemiológico, mas estratégia de dominação. A refração opera, portanto, um deslocamento de sentido que imprime ao enunciado uma função de resistência simbólica ao conhecimento científico institucionalizado, produzindo sentidos que respondem de modo polêmico à palavra alheia da ciência e das autoridades sanitárias.

O enunciado, nesse contexto, deve ser compreendido como unidade concreta de interação discursiva que não se esgota em sua materialidade linguística. Ele traz em si a valoração, entendida como orientação axiológica da palavra em relação à realidade social. A valoração aqui é marcadamente negativa: a ciência é descrita como cúmplice de um genocídio em preparação, a vacina é simbolizada como veneno e a morte é antecipada como destino inevitável para a “grande maioria” (linha 6) da população. Essa valoração reflete e refrata as emoções coletivas de medo, desconfiança e ressentimento que perpassam grupos marginalizados ou radicalizados nos espaços digitais. Nesse ponto, a análise metalinguística permite perceber como a emoção não é apenas uma expressão subjetiva: é um elemento constitutivo da forma e do conteúdo do discurso que se organiza para mobilizar afetos de indignação, paranoia e urgência.

Articulando-se com a Criminologia Cultural, o enunciado deve ser lido como parte de uma subcultura que estetiza o negacionismo contra instituições dominantes (como a ciência, o Estado, a medicina). O discurso conspiratório atua como performance simbólica, que oferece aos participantes do fórum uma sensação de visibilidade, poder e conhecimento exclusivo diante de uma sociedade percebida como enganada e passiva. Nessa macroestrutura social, o enunciado funciona como discurso negacionista, pois reposiciona os sujeitos do canal do Telegram como “despertos” diante da “massa alienada”. O efeito performático é identitário: quem participa desse gênero discursivo reafirma sua pertença a um grupo de desconfiança e de ódio compartilhado.

Ao avançar na análise, expressões como “nova pandemia” (linha 4), “ninguém desconfiará” (linha 6) e “injeção da morte” (linha 7) constroem um

discurso de segredo revelado, típico do gênero conspiratório. A formulação de uma previsão cronológica – “Final de 2023” (linha 4) – confere aparência de precisão científica, quando, na realidade, trata-se de uma projeção apocalíptica, carregada de dramatização e ansiedade coletiva. Aqui, o enunciado mobiliza o gênero profético, que se mistura ao comentário, reforçando a aura de verdade exclusiva ao atribuir ao enunciador o papel de visionário que enxerga o que as instituições ocultam.

Do ponto de vista da Metalinguística, os signos “veneno” (linha 3), “ARMA BIOLÓGICA” (linha 8) e “morrerá” (linha 4) exemplificam a valoração extrema negativa atribuída às vacinas que deixam de ser vistas como tecnologia de proteção e passam a ser refratadas como instrumentos de extermínio. Essa refração não é acidental, mas orientada socialmente: ela se dirige a um auditório presumido de desconfiados e céticos que encontram nesse discurso a confirmação de seus medos e ressentimentos. A palavra, portanto, reflete conceitos já dados e refrata posições ideológicas que deslegitimam a ciência e ressignificam a pandemia como um complô.

Pela ótica da Criminologia Cultural, esse processo deve ser entendido como performance subcultural, em que a emoção de medo e indignação é convertida em forma de resistência grupal. O exagero dramático – reforçado pelo uso de letras maiúsculas e pelo imperativo “ACORDEM!!!” (linha 8) – transforma o enunciado em espetáculo, cujo efeito não é apenas informar, como igualmente mobilizar afetivamente a coletividade do fórum. A estética do pânico e da urgência cumpre aqui a função de oferecer identidade e pertencimento ao grupo, que se reconhece como minoria esclarecida diante de uma maioria supostamente enganada.

Por fim, observa-se que o enunciado articula ameaça e salvação: anuncia a morte inevitável da população vacinada, ao passo que reserva aos “despertos” a chance de escapar por meio da recusa e da denúncia. Esse duplo movimento é constitutivo da subcultura conspiratória, pois reafirma o sentimento de exclusividade e superioridade dos membros, ao mesmo tempo que alimenta emoções de medo extremo. Nessa relação, o discurso não se limita a negar a ciência, antes constrói um regime alternativo de verdade, em que a linguagem se torna dispositivo de poder simbólico capaz de reorganizar afetos, crenças e vínculos identitários no campo digital.

Considerações finais

A análise do discurso de desinformação antivacina do *Dogolachan*, pela Metalinguística e Criminologia Cultural, permitiu compreender como o enunciado é um elo de uma cadeia discursiva orientada socialmente, atravessada por valorações. Assim, a representação da vacina como “arma biológica” ou como “instrumento de extermínio” não emerge de modo espontâneo, e sim, ancora-se em um horizonte ideológico que reflete e refrata sentidos conspiratórios e negacionistas.

Sob a lente da Criminologia Cultural, compreende-se que o discurso do *Dogolachan* mobiliza elementos de negação ao poder institucional, transformando a desinformação em um recurso subcultural de visibilidade e de produção de identidade coletiva. O crime, nesse sentido, não se reduz à prática de violação do direito penal, porque se expande como performance cultural, expressando ressentimentos, antagonismos e tentativas de reconfiguração das hierarquias sociais. Nesse processo, o enunciado analisado mostra-se como parte de um contexto descrito por Katz (2021) como *liar’s war*, em que a mentira não apenas falseia fatos, como também se torna uma arma estratégica para corroer confiança, gerar sofrimento e ampliar divisões.

O caso brasileiro, especialmente durante a pandemia de COVID-19, demonstrou como o entrecruzamento entre discurso político-institucional e discurso extremista digital potencializou o alcance disso. A legitimação social das mentiras pelo então Presidente da República funcionou como catalisador para que grupos e organizações como o *Dogolachan* se apropriassem das retóricas oficiais, ressignificando-as em suas próprias agendas subculturais de ódio, violência e desinformação.

Em síntese, a articulação entre Metalinguística e Criminologia Cultural permitiu não apenas entender o discurso da desinformação antivacina, como igualmente interpretar seus sentidos mais amplos enquanto práticas ideológicas, afetivas e subculturais de negacionismo. A análise demonstrou que o discurso da desinformação é inseparável de seu contexto social e político. Dessa forma, compreender essas dinâmicas é fundamental não apenas para a crítica acadêmica, como ainda para o enfrentamento institucional, social e cultural da desinformação enquanto ameaça estrutural aos direitos humanos, à saúde pública e à democracia.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

KHALED JR., Salah; DIMOU, Eleni. Da criminologia crítica à criminologia cultural: explorando novas avenidas de investigação para o desenvolvimento da criminologia crítica brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, IBCCRIM, v. 193, ano 30, p. 67-107, 2022. Disponível em: <https://www.publicacoes.ibccrim.org.br/index.php/RBCCRIM/article/view/200>. Acesso em: 1 mai. 2025.

FALEIROS, Vicente Paula; CAETANO, Maria José Pereira. Repercussões da irresponsabilidade, do negacionismo e da necropolítica na saúde mental durante a pandemia da covid-19. **Revista Sociedade e Estado**, UnB, v. 39, n. 3, p. 1-26, 2024. DOI: <https://10.1590/s0102-6992-20243903e53580>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/DNLCKdPJb7kWrG7zmFt9Hzp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2025..

FERNANDES, Carla Montuori; OLIVEIRA, Luiz Ademir de; COIMBRA, Mayra Regina; CAMPOS, Mariane Motta de. A pós-verdade em tempos de Covid-19: o negacionismo no discurso do governo no Instagram. **Liinc em Revista**, v. 16, n. 2, p. 1-18, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v16i2.5317>. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/b18f7d884fd96c9c4491fc5d7d02d1d2/1?pq-origsite=gscholar&cbl=5008010>. Acesso em: 18 ago. 2025.

FERREL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. **Criminologia cultural**: um convite. Tradução de Álvaro Oxley da Rocha e Salah Khaled Jr. 1. ed. Belo Horizonte: Letramento; Casa do Direito; Crime, Cultura e Resistência; Instituto Brasileiro de Criminologia Cultural, 2019.

KATZ, Eian. Liar's war: Protecting civilians from disinformation during armed conflict. **Internacional Review of the Red Cross**, ICRC, n. 914, 2021. Disponível em: <https://international-review.icrc.org/articles/protecting-civilians-from-disinformation-during-armed-conflict-914>. Acesso em: 19 ago. 2025.

KHALED JR., Salah; LINCK, José Antônio Gerzon; CARVALHO, Salo de. A criminologia cultural e a sua recepção no Brasil: relato parcial de uma história por ser escrita. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, IBCCRIM, v. 193, n. 193, p. 145-186, 2022. Disponível em: <https://www.publicacoes.ibccrim.org.br/index.php/RBCCRIM/article/view/223>. Acesso em: 1 mai. 2025.

MEDVIÉDEV, Pável. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

ROCA, Cristian Soler. Teorías de la conspiración, negacionismo del COVID-19 y movimientos en contra de las medidas para la contención de la pandemia. **Debats**, v., 136, n. 1, p. 118-131, 2022. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/79f6855a5d6b45ce5df896e98b20daf9/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2068937>. Acesso em: 18 ago. 2025.

ROCHA, Álvaro Oxley da. Crime e controle da criminalidade no Brasil: as contribuições da criminologia cultural ao debate. **Confluências**: Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito, PUC-RS, v. 15, n. 2, p. 121-136, 2013. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11221/2/Crime_e_controle_da_criminalidade_no_Brasil_as_contribuicoes_da_Criminologia_Cultural_ao_debate.pdf. Acesso em: 1 mai. 2025.

ROCHA, Álvaro Oxley da; SILVA, Simone Schuck. da. A dinâmica emocional do desvio: uma análise em criminologia cultural. **Revista do CEJUR/TJSC**, v. 1, n. 2, p. 265–283, 2014. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11225/2/A_Dinamica_Emocional_do_Desvio_uma_analise_em_criminologia_cultural.pdf. Acesso em: 1 mai. 2025.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. **Racismo, segregação e morte**: análise dialógica do discurso das organizações *Ku Klux Klan* e *White Lives Matter* em mídias digitais. 2023a. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2023a. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/3d820364b0f22760876025fab7fa0cae.pdf>. Acesso em: 1 mai. 2025.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. No submundo do terror e da conspiração no Telegram: a construção estilística do discurso de membros-integrantes da organização Dogolachan. **Revista Heterotópica**, UFU, v. 5, n. 1, p. 199-229, 2023b. DOI: <https://doi.org/10.14393/HTP-v5n1-2023-68020>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/68020>. Acesso em: 1 mai. 2025.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. Exposição de dados íntimos para a humilhação: uma abordagem dialógico-discursiva para um comentário do subfórum /55chan/, do EndChan. **Diálogo das Letras**, UERN, v. 13, p. 1-18, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22297/2316-17952024v13e02422>. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/6102>. Acesso em: 1 mai. 2025.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. O renascimento do Dogolachan na Deep Web: apologia e incentivo ao estupro e ao terrorismo em comentários pelo viés da Análise Dialógica do Discurso e da Criminologia Cultural. **Linha D'Água**, USP, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 424-444, 2025. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v38i2p424-444>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/234187>. Acesso em: 20 nov. 2025.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

Recebido em: 19/09/2026

Aceito em: 08/05/2026